

“1968, NAS TEIAS DA HISTÓRIA E DA MEMÓRIA”

Prof. Dra. Maria Paula Araujo*

Resumo: Em 2008 comemora-se os quarenta anos dos episódios culturais e políticos que assolaram o mundo ocidental em 1968. No Brasil e em vários outros países do mundo se realizam seminários, eventos e inúmeras edições comemorativas de “68”. Estas comemorações trazem à tona as intrincadas relações entre história, memória e identidade. O ano de 1968 tornou-se símbolo de uma geração e, em função desta representação, seu conteúdo é mistificado pela historiografia, pela mídia e pelas novas gerações.

Palavras-chave: 1968, memória, juventude, movimento estudantil.

Abstract: In 2008 its celebrated the forty years of the political and cultural events that overran the occidental world in 1968. In Brazil and in many other countries of the world are realized seminars, events and many commemorative editions of “68”. These celebrations bring up the intrinsic relations between history, memory and identity. The year of 1968 became symbol of a generation and, by reason of this representation, its content is mystified by historiography, by media and by the new generations.

Keywords: 1968, memory, youth, student’s movement

A comemoração de “68”

As comemorações de datas consideradas importantes oferecem uma excelente oportunidade para uma reflexão sobre as complexas

* Professora do Programa de Pós Graduação em História Social (PPGHIS), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

relações entre a história e a memória. Neste ano que corre, 2008, completam-se 40 anos de 1968. Os jornais, a televisão e as universidades estão repletas de comemorações de “68” – um ano mítico, carregado de significados que remetem às noções de juventude, rebeldia, movimentos estudantis. É interessante notar, logo de princípio, que as comemorações não se referem a nenhum evento em particular, mas sim **ao ano todo**. Não se revive ou se relembra algum acontecimento especial, mas o próprio ano; comemora-se “68” como um evento em si, um personagem, uma entidade. Geralmente as comemorações celebram – ou relembra criticamente – um determinado evento. Em 2004, as universidades e fóruns acadêmicos e políticos brasileiros, aproveitaram os 40 anos do golpe militar para realizar uma reflexão histórica e historiográfica sobre o significado do golpe e da ditadura que se instalou no país em 1964. Em 2005 se comemorou, em muitos lugares, os 20 anos do fim desta mesma ditadura. Em 2008 comemora-se, entre os historiadores brasileiros, o bicentenário da vinda da corte portuguesa para nosso país. Na França, a tradição comemorativa dos principais eventos da história do país tem gerado acalorados debates e revisões historiográficas. Foi assim em 1989, no bicentenário da Revolução Francesa, que em meio a debates políticos e teóricos, fez emergir uma nova historiografia sobre este que é um dos temas capitais da história da França. Normalmente, portanto, as datas servem para pontuar (comemorando, criticando, homenageando ou reavaliando) eventos ou personagens: uma revolução, um golpe, uma batalha decisiva, o final de uma guerra, uma grande exposição artística, o primeiro vôo, a morte ou o aniversário de um grande intelectual, artista ou líder político. Mas “68” não se refere a nenhum evento preciso, a nenhum acontecimento particular, **mas ao próprio ano em si**, ao conjunto de eventos e fenômenos, dos mais variados matizes, que nele ocorreram. Muitas vezes 68 é associado às *rebeliões estudantis* – mas elas foram várias e muito diferentes entre si. As revoltas dos estudantes franceses foram muito diferentes das revoltas estudantis mexicanas e brasileiras, por exemplo, e distantes também das manifestações de Praga e da Europa do Leste. Embora o *Maião Francês* tenha uma certa proeminência na significação de 68, não a esgota nem exclui as outras manifestações, que podem, elas também, se reivindicarem como legítimas representantes de 68. Algumas vezes,

dando uma amplitude maior aos eventos, que não se restringiram aos meios universitários, 68 é apresentado como o ano das *rebeliões juvenis*. Mas estas rebeliões também não se referem a um tipo único – nem de rebelião nem de jovem – e congregam diferentes movimentos políticos e ideológicos, desde o pacifismo dos hippies norte-americanos até a guerrilha latino-americana. Além disso, 68 não está relacionado apenas à política; ele diz respeito, igualmente, a uma série de questões comportamentais e culturais (a liberação sexual, o uso de drogas lisérgicas, a contracultura, o anti-consumismo, o cabelo grande, etc) e também é visto como sinônimo de uma **revolução cultural** – pelo menos numa parte do mundo ocidental. Aliás, foi desta forma que ele foi visto e analisado pelo historiador inglês Eric Hobsbawm no livro “A Era dos Extremos”.¹

“68”, portanto, não se refere a nenhum episódio particular, nenhum evento específico. Celebrar 68 não diz respeito à comemoração de nenhum ato ou data específica, mas sim do próprio ano e dos significados que lhe são atribuídos. O que se busca comemorar, na verdade, é o “*espírito de 68*”. Como se 68 significasse uma síntese de sentimentos, posturas e ações revolucionárias, de diferentes conteúdos que, de formas diferentes, se expressou em vários lugares do mundo num mesmo ano. E neste sentido, ele é inteiramente único. Todos os outros anos que são suportes de comemorações e celebrações, comemoram (ou relembram) eventos específicos, tornaram-se sinônimos destes eventos. 1789 é comemorado pela Revolução Francesa; 1776, pela Revolução Americana; 1964 é o ano do golpe militar; 1973 é o ano da queda do governo de Allende no Chile; 1922 é lembrado no Brasil pela Semana de Arte Moderna; 1989 marca a queda do muro de Berlim. E 2001 será sempre lembrado como o ano do atentado que derrubou as torres gêmeas de Nova York. Estes anos colaram-se a seus eventos emblemáticos e são recordados, celebrados ou repensados em seus aniversários (ou centenários) em função destes eventos. Mas 1968 não. **Ele, em si, é o próprio evento comemorado** – porque se acredita que o “*espírito de 68*” se representou num grande e variado conjunto de eventos. Variados não apenas em sua tipologia (eventos políticos, culturais, comportamentais), mas também em seu alcance territorial,

atingindo várias partes do mundo (a Europa Ocidental, os Estados Unidos, a América Latina, o Leste Europeu e até a Ásia).

Esta é a primeira característica a ser observada nas comemorações de 68. Não se comemora um acontecimento particular mas o “espírito” de um ano, que é identificado com vários eventos. Esta constatação nos faz colocar algumas perguntas. Em primeiro lugar: em que consiste o “espírito de 68”? Ele certamente tem a ver com uma determinada memória sobre 68. Então perguntamos: quem constrói esta memória? O que pode nos revelar esta construção? O que está em jogo (e o que está em disputa) na construção desta memória de 68? Para responder a estas questões é interessante analisar a literatura sobre tema – tanto alguns textos escritos na época, quanto as recentes publicações, assim como alguns dos seminários acadêmicos realizados nas universidades sobre o tema.

Os diferentes “68” na história e na memória

Em primeiro lugar, é interessante destacar que, de uma forma geral, quando se fala em “68” **fala-se de eventos muito diferentes entre si, como se eles tivessem um significado único.** As diferenças são apontadas, mas são minimizadas. O que importa não são as diferenças mas as semelhanças. As revoltas estudantis de 68 ocorridas em quase todo o mundo, tiveram conteúdos bem diferentes, dependendo do contexto nacional em que eclodiram. As revoltas dos jovens parisienses, por exemplo, foram marcadas por um cunho mais libertário e eram profundamente céticas em relação às instituições democráticas em que viviam. Escreviam nos muros slogans como “*seja realista, peça o impossível*” ou “*a imaginação no poder*”. Muito diferentes eram as manifestações dos estudantes brasileiros, que levantavam, essencialmente, a bandeira do fim da ditadura militar. E diferentes também eram os movimentos que, nos países do Leste Europeu, reuniam estudantes, professores e intelectuais na luta contra o imperialismo soviético. Por outro lado, os movimentos estudantis na maior parte dos países latino-americanos, denunciavam e lutavam contra o imperialismo norte-americano. E, nos EUA, a juventude mostrava seu inconformismo com o sistema através de uma multiplicidade de movimentos e posturas – desde a recusa ao alistamento na guerra do Vietnã, passando por

movimentos pacifistas e hippies que pregavam “*Faça a paz, não faça a guerra*”, até grupos que acreditavam na violência como linguagem política como os Panteras Negras. Estes movimentos não diferem entre si apenas pelo contexto em que eclodiram, eles têm, também, conteúdos e significados históricos diferentes. E nos falamos de diferentes impasses e contradições do século XX. No entanto, a literatura sobre 68 tende a minimizar estas diferenças e salientar as semelhanças. Mas talvez haja pouco em comum a todos estes movimentos. A não ser o fato de que todos eles foram protagonizados, de forma prioritária, por jovens. 68 seria, então, um ano marcado pelo protagonismo juvenil – ou pela ilusão deste protagonismo. No entanto estes jovens, nos diferentes lugares em que protagonizaram atos políticos e manifestações culturais, deram a estes atos conteúdos muito distintos. A maior parte dos autores que se debruça hoje sobre o tema salienta as semelhanças e os elos de ligação entre estes diferentes movimentos. Mas alguns intelectuais que refletiram sobre o assunto **na própria época** (ou muito próximo dela), procuraram justamente entender as diferenças entre os movimentos – sem, no entanto, negar a extraordinária coincidência que fez jovens do mundo todo irem para as ruas no mesmo ano.

A filósofa alemã Hannah Arendt (que na época vivia nos EUA) e o pensador mexicano Octavio Paz foram alguns dos intelectuais que tentaram compreender os eventos de 68, procurando apontar semelhanças e diferenças entre os fenômenos; ou seja, procurando detectar o significado histórico daqueles eventos. E o fizeram ainda no calor dos acontecimentos, poucos anos após 1968. Hannah Arendt escreveu “Sobre a violência”² em 1969 e Paz redigiu um pequeno livro de ensaios chamado “Posdata”³ em 1970. Os dois ressaltam importantes diferenças que separavam os movimentos juvenis ocorridos na Europa e nos Estados Unidos (ou seja, no mundo das democracias liberais do capitalismo avançado) dos que tiveram lugar no Leste Europeu e na América Latina (países que não gozavam de democracia, quase todos submetidos ao domínio imperialista, seja dos Estados Unidos seja da União Soviética). Hannah Arendt escreve que as *rebeliões do Leste exigiam precisamente as liberdades de expressão e pensamento que os jovens rebeldes do Ocidente desprezavam como irrelevantes*. Octavio Paz também assinala esta diferença. Para ele era revelador que a *principal*

reivindicação do Leste Europeu fosse justamente a democracia, uma bandeira que no ocidente havia perdido inteiramente o seu magnetismo político. No entanto, apesar de marcar as diferenças, ambos admitem, como assinalou Octavio Paz, a **universalidade do protesto juvenil**⁴. Para Hannah Arendt o traço comum entre os diferentes movimentos era o fato de que, em diferentes lugares do globo, eles se dirigiam *contra a burocracia dominante*. O substrato comum entre as diferentes mobilizações juvenis de 68, para Arendt, era o fato de que elas expressavam uma grande descrença e inconformidade com a política (e com as formas de fazer política) das sociedades contemporâneas.

Hannah Arendt e Octavio Paz, analisando os episódios na época, colocaram como *problema histórico* (ou seja, uma questão a ser investigada) a existência de um elemento em comum entre os diferentes movimentos juvenis ocorridos em 1968; apontaram as diferenças e semelhanças e procuraram entender o significado histórico do fenômeno juvenil justamente através das diferenças detectadas. Nas recentes publicações lançadas sobre o tema, as diferenças tendem a ser apagadas, ou pelo menos minimizadas. **Como se a operação realizada pela memória quisesse guardar o que havia de semelhante e não o que havia de diferente.** “68” é, então, apresentado como uma onda de movimentos de significado único e homogêneo. Como se os diferentes significados das diversas manifestações ocorridas em vários pontos do planeta tivessem se amalgamado e construído um único significado reunindo todas as características dos movimentos específicos, construindo uma síntese revolucionária e total na qual o ano se torna metáfora de toda a utopia do séc. XX. Daí o uso reiterado, em quase todos os artigos e livros publicados recentemente sobre o tema, de termos como “ousado”, “utópico”, “radical”, “rebelde”, “libertário”, para designar o ano. O “espírito de 68” passa então a significar o espírito de todos os movimentos que ocorreram durante o ano, uma síntese que reúne o sentimento libertário do maio francês, o voluntarismo da guerrilha latino americana, o pacifismo dos hippies norte-americanos, a luta democrática dos estudantes e intelectuais tchecos, a resistência dos estudantes brasileiros contra a ditadura militar, a loucura lisérgica dos jovens londrinos. As características de cada um destes movimentos são somadas e amalgamadas entre si; as diferenças e especificidades de cada

um destes movimentos são apagadas e a visão que se cria é que foram um só e único movimento internacional. Como se todas as pessoas e os atores da época tivessem vivido e participado de todos os eventos, tivessem partilhado todos os sentimentos e estivessem imbuídos de todos os conteúdos, imagens e bandeiras levantadas em vários pontos do planeta. Ora, tal síntese é uma construção *a posteriori*. Até porque alguns destes conteúdos, destas imagens e destas bandeiras eram não só diferentes, mas, às vezes, até mesmo antagônicos – como foi notado, na época, por Hannah Arendt e Octavio Paz. Mas a imagem de 68 que se cria hoje é de uma síntese total, como se houvesse uma racionalidade que articulasse e integrasse os mais diferentes fenômenos sociais. “68” tornou-se o símbolo da utopia revolucionária não apenas da turbulenta década de 60 mas do próprio século XX. É desta forma que o ano, no seu aniversário de 40 anos, é lembrado e mostrado aos mais jovens, em livros, exposições, seminários e programas de TV.

A evidente mistificação que se constrói sobre a data é um interessante ponto para reflexão. A maioria das pessoas que tem escrito sobre o tema participou, de alguma maneira, dos acontecimentos narrados, ou seja, “viveu 68”. O olhar que lançam sobre o ano é, também, o olhar que lançam sobre sua juventude. De certa forma, para toda uma geração – que hoje tem, mais ou menos, entre 55 e 65 anos – o ano de 1968 tornou-se a metáfora de suas juventudes. Talvez até mais do que a metáfora: o melhor momento e a melhor representação de suas juventudes. Quase todos os trabalhos recentemente publicados sobre 68 são carregados desta emotividade. Um exemplo é o livro de Regina Zappa e Ernesto Soto, “1968: eles só queriam mudar o mundo”⁵. O livro, escrito por dois jornalistas que têm lembranças pessoais de 68 (sendo que um deles, Soto, foi militante estudantil na época) funciona como uma pequena enciclopédia do ano e da década no Brasil e no mundo. O livro passeia pela política, pela cultura, pelo contexto internacional e por movimentos sociais com narrativas sobre a guerra do Vietnã, a guerrilha latino-americana, as rebeliões estudantis, as greves operárias, a revolução sexual, a música de protesto, o rock, o tropicalismo, o movimento feminista. Estão lá, em ordem cronológica, mês a mês, todos os acontecimentos importantes do ano – no Brasil e no mundo. E também os personagens que marcaram a época: Che

Guevara, Ho Chi Min, Martin Luther King, Bob Dylan, Vladimir Palmeira, Fernando Gabeira, José Dirceu, Daniel Cohn-Bendit e muitos outros. Mas a impressão que se tem é que estes diferentes movimentos e manifestações culturais estão articulados entre si, como se, por trás de cada uma destas manifestações houvesse um conteúdo e um sentido único. O livro de Zappa e de Soto é emblemático de toda a produção editorial recente sobre 68. Ela espelha um processo de construção de memória, no qual o ano de 1968 representa um importante papel: ele sintetiza os diferentes movimentos e projetos revolucionários do séc. XX. Mais ainda: ele representa um momento em que, em diferentes lugares, inúmeros jovens se moveram em nome destes projetos. “68” é visto como o último momento de impulso revolucionário antes da queda do muro de Berlim, do desmoronamento da URSS e do fim das utopias.

A memória que se constrói, hoje, sobre “68” (diferentemente dos textos escritos na época) espelha como escritores, jornalistas e intelectuais do século XXI, olhando para trás, viram e enquadraram 1968. Pressionados por um tempo marcado pela aura do desencanto e da perda das utopias, uma geração de intelectuais olhou para seu passado e reviu a história de seu tempo e de sua geração. E escolheu 68 para representar as utopias e sonhos do século anterior e para simbolizar o melhor de sua experiência geracional.

1968 no Brasil.

No Brasil, 1968 teve um significado muito específico, extremamente vinculado ao movimento estudantil e à luta contra a ditadura militar. A radicalização política dos estudantes e o confronto com o regime vinham se acirrando desde 1966, quando ocorreram violentos confrontos entre estudantes e tropas policiais. Como o episódio que ficou conhecido como o “massacre da Praia Vermelha”, em que vários estudantes que estavam fazendo uma manifestação na sede da antiga Faculdade de Medicina, na praia Vermelha, no Rio de Janeiro, foram brutalmente espancados pela polícia que cercou e invadiu o prédio. O episódio é relatado por Vladimir Palmeira, na entrevista que concedeu ao Projeto Memória do Movimento Estudantil:

MARIA PAULA ARAUJO

“(...) fizeram um corredor polonês, íamos descendo (...) desci três andares levando cacete, mas na saída eu consegui sair. Não me prenderam porque estavam procurando cabeludos, barba, coisa e tal (...). Prenderam muita gente e fizeram muita violência contra as mulheres. Batiam muito (...) Nós apanhávamos, caíamos, porque era aquela confusão de estudantes impressados. Um segurava o outro e desciam o cacete na gente”⁶

Segundo o depoimento de Vladimir foi neste episódio que se formou a liderança que dirigiria, dois anos depois, o movimento estudantil do Rio de Janeiro. Entre 1966 e 68 os estudantes desenvolveram uma “tática de passeata” que incluía vários expedientes: levar a passeata na contramão dos carros para dificultar a chegada da polícia, divulgação na imprensa do local errado da concentração, organização de grupos de cinco ou seis lideranças que poderiam rapidamente se dispersar e se reagrupar em outro lugar. Mas eram ainda táticas defensivas. O principal objetivo era realizar uma manifestação política pacífica, falar com a população, denunciar a ditadura, fazer propaganda política. Mas o assassinato do estudante secundarista Edson Luis, em março de 1968, mudou este quadro.

Num livro dedicado às rebeliões estudantis ocidentais, João Roberto Martins Filho⁷ descreve o ocorrido. O jovem foi morto em frente ao restaurante estudantil do Calabouço, no centro do Rio de Janeiro, em meio à uma manifestação estudantil que, entre outras coisas, tinha por bandeira a manutenção do próprio restaurante que seria demolido em função da construção de um viaduto. Edson Luis, estudante secundarista que regularmente comia no Calabouço, foi atingido por um tiro no peito. Os estudantes carregaram-no em passeata até a Assembléia Legislativa, onde entraram à força. O corpo de Edson ficou sobre uma mesa, até chegar o caixão, guardado por um grupo de militantes estudantis. Sobre o corpo um cartaz em que estava escrito: “*Aqui está o corpo de um estudante morto pela ditadura militar*”. A morte do jovem marcou o início de um processo de radicalização política e de confrontos violentos entre a polícia e os estudantes. Poucos dias depois, na missa de sétimo dia pelo estudante morto, realizada na Igreja da Candelária, no centro do Rio, o exército ocupou o centro da cidade e a carga da cavalaria da

Polícia Militar investiu contra os estudantes que saíam da missa. Em troca os estudantes passaram a enfrentar a polícia nas manifestações. As ruas do centro da cidade viraram palco de verdadeiras batalhas campais.

A famosa Passeata dos Cem Mil, em 26 de junho, encerrou esta fase de acirrados confrontos políticos a céu aberto. A passeata foi inteiramente pacífica e não encontrou resistência policial. Ela representou o ponto máximo de mobilização estudantil na época. A partir daí o movimento começou a perder fôlego.

Até hoje a Passeata dos Cem Mil é um dos símbolos de 68. Recentemente o fotógrafo Evandro Teixeira lançou um livro, resultado de um projeto desenvolvido por ele, chamado “68: destinos”. A partir de uma foto da passeata dos cem mil, amplamente divulgada na imprensa e na internet, pessoas que se reconheceram na foto de quarenta anos atrás, procuraram o fotógrafo, contaram-lhe suas vidas e foram fotografadas por ele como estão atualmente. As duas fotos – a imagem antiga, recortada da foto da multidão e a imagem atual da pessoa – são colocadas lado a lado e abaixo é transcrito o depoimento onde a pessoa conta a respeito de sua participação na passeata, relata o que foi a sua vida e faz um balanço de sua trajetória pessoal e política. A foto de Evandro, exposta em várias livrarias em que se vendiam os livros sobre 68, nos seminários em que se debatia 68 e nas exposições sobre o tema é, talvez, a melhor imagem de 68 no Brasil. E seu livro é um dos painéis mais interessantes e abrangentes da geração que se identifica com 68.

Alguns meses depois da Passeata dos Cem Mil, o congresso clandestino da UNE, realizado em Ibiúna, em outubro, foi o marco final deste processo político vivido pelos estudantes brasileiros entre 1966 e 1968. A partir daí, o movimento estudantil, como movimento de massas, “entrou em refluxo” (para usar os termos da época). E uma parte significativa da liderança estudantil se dirigiu para as organizações de luta armada, que vinham sendo criadas no Brasil desde o início da década de 60 e, mais intensamente, a partir de 1967, após a criação da Aliança Libertadora Nacional (ALN) por Carlos Marighela, antigo quadro dirigente do Partido Comunista Brasileiro (PCB).

Portanto, se uma parte de 1968, no Brasil, foi marcada por manifestações e atos massivos de estudantes nas ruas, o final do ano

foi muito diferente. A opção pela luta armada se acentuou na mesma medida em que a ditadura militar endureceu a repressão com que tratava seus opositores. O ano se encerrou com a promulgação do Ato Institucional nº. 5, em 13 de dezembro. O AI-5 ampliava os poderes da ditadura: fechou o Congresso Nacional por tempo indeterminado, cassou mandatos de parlamentares, prefeitos e governadores, decretou o estado de sítio, suspendeu o *habeas corpus* para crimes políticos, criou a censura prévia à imprensa, estabeleceu leis especiais para o exercício do poder fora dos marcos do direito.

Em parte em resposta ao endurecimento do regime, em parte inspirados pelos ventos internacionais que sopravam as imagens de Cuba, da China, do Vietnã e, em parte, também, por não ter onde mais canalizar as imensas energias liberadas ao longo de 1968, um grande contingente da liderança e da militância estudantil ingressou nas organizações armadas. Dois meses depois de encerrado o ano, em fevereiro de 1969, ocorreu o ato mais espetacular da guerrilha brasileira: o seqüestro do embaixador norte-americano.

“68” no Brasil teve, portanto, duas faces muito distintas: uma face ligada a movimentos e manifestações de massa, nas ruas, da qual a Passeata dos Cem Mil, imortalizada na foto de Evandro Teixeira, é um dos maiores representantes; e uma outra face, já no final, mais sombria, marcada pela clandestinidade e pelo início dos chamados “anos de chumbo”. No mesmo país, duas faces muito diferentes do mesmo “68”.

Mas 68 no Brasil também tem uma outra face, importante de ser lembrada: o movimento extremamente vigoroso, criativo e experimental nas artes, sobretudo no teatro e na música. O teatro foi a expressão artística de vanguarda prioritária dos anos 60. Entre 1967 e 1968 três peças, com fortes conotações políticas, marcaram a vida cultural brasileira: “*Arena conta Tiradentes*”, encenada pelo grupo do Teatro de Arena, dirigido por Augusto Boal; “*O Rei da Vela*”, montada pelo Teatro Oficina, sob a direção de José Celso Martinez Correia e “*Roda Viva*”, peça escrita por Chico Buarque, também encenada pelo Oficina e dirigida por Zé Celso. Tanto o Teatro de Arena quanto o Oficina tinham sido criados ainda na década de 1950, o Arena em 1953 e o Oficina em 1958. Mas foi na década de 60 que os dois grupos imprimiram, de forma mais

forte, a sua marca. O Teatro de Arena tinha por objetivo “nacionalizar” o palco brasileiro, encenando a dramaturgia nacional, valorizando o texto nacional. Em 1965 apresentaram uma montagem que se tornou histórica: “*Arena conta Zumbi*”. Dois anos depois foi a vez de “*Arena conta Tiradentes*”, as duas dirigidas por Augusto Boal. O Oficina tinha uma proposta artística diferente: desejava ir além do nacionalismo do Arena. O Teatro Oficina foi um dos berços do Tropicalismo, movimento que se aproximava das propostas estéticas e políticas do grupo de Oswald e Mário de Andrade que, na Semana de Arte Moderna, em 1922, lançara um Manifesto do Pau Brasil, pela “antropofagia cultural”. Os artistas nucleados no Teatro Oficina procuravam, da mesma forma que os modernistas paulistas, misturar e deglutir *antropofagicamente* as culturas do mundo e do país, numa síntese cosmopolita. Não a toa, uma das criações mais famosas e arrojadas do Oficina foi, justamente, uma peça de Oswald de Andrade, “*O rei da Vela*”, encenada entre 1967 e 1968. Também em 68 foi montada a peça “*Roda Viva*”, escrita por Chico Buarque, com Marieta Severo e Antonio Pedro nos papéis principais. Com uma série de canções que driblavam a censura, tornou-se um símbolo de protesto contra a ditadura. A peça estreou no início de 68 no Rio de Janeiro. Na segunda montagem, quando foi encenada em junho, no Teatro Galpão, em São Paulo, sofreu um violento atentado: um grupo de mais de 100 homens, ligados ao Comando de Caça aos Comunistas (CCC) invadiu o teatro, espancou os atores e depredou o cenário.

E na música, 68 no Brasil, foi marcado por uma dicotomia entre a canção de protesto e o movimento tropicalista. A expressão maior desta dicotomia aconteceu no III Festival da Canção. O tropicalismo foi um movimento artístico que propunha uma revolução na linguagem da arte e criticava a maneira com que a esquerda, de forma geral, compreendia e praticava a arte. Para as esquerdas a arte era, essencialmente, um instrumento de divulgação e conscientização política, em última análise, um instrumento da revolução. Já para os tropicalistas, o papel da arte era promover uma emancipação numa dimensão mais profunda e sem relação com a política imediata; uma “arte revolucionária” não era aquela que fazia propaganda da revolução, mas sim aquela que fazia uma revolução em sua própria linguagem.

Muitas vezes os tropicalistas acusavam os artistas de esquerda de serem “estalinistas” e estes os acusavam de “formalismo” e “vanguardismo”. Este conflito, que já se verificara entre o Arena e o Oficina, tornou-se ainda mais explícito na música. O debate animou os anos 60 e um de seus marcos foi o conflito entre Caetano Veloso e o público do Festival Internacional da Canção, composto principalmente de estudantes. Mais afeito ao discurso explicitamente político das canções de protesto, o público vaiou furiosamente a música de Caetano “*É proibido proibir*”. É curioso ressaltar que o título da canção rejeitada era a reprodução de um dos slogans mais famosas do Maio de 68 francês. Caetano respondeu às vaias com um violento discurso que entrou na história da música popular brasileira:

“Mas é isso que é a juventude que diz que quer tomar o poder? (...) São a mesma juventude que vão sempre, sempre, matar amanhã o velhote inimigo que morreu ontem! Vocês não estão entendendo nada, nada, nada, absolutamente nada. (...) Vocês são iguais sabem a quem? Tem som no microfone? Vocês são iguais sabem a quem? Àqueles que foram na Roda Viva e espancaram os atores! Vocês não diferem em nada deles, vocês não diferem em nada. (...)se vocês, em política, forem como são em estética, estamos feitos!”⁸

As diferenças de conteúdo dos movimentos políticos e culturais de 68 não se restringiam, portanto, a diferenças de contextos ou de realidades nacionais. Num mesmo país – como o Brasil – movimentos com orientações políticas, ideológicas e estéticas distintas, e até mesmo opostas, se confrontaram.

O que queremos marcar aqui neste texto é que o “espírito de 68” é uma construção de memória, de uma certa memória sobre a época, que procura galvanizar numa imagem única, com um sentido e um conteúdo único, uma série de eventos, posturas, propostas e posições com conteúdos e sentidos muito diversos entre si. Esta operação – que apaga as diferenças e reforça as semelhanças entre os eventos – tem como resultado a construção quase mítica de um ano símbolo das utopias revolucionárias do séc. XX. Esta construção produz uma marca identitária entre as pessoas que participaram e viveram os

acontecimentos de 1968, mas torna mais difícil o trabalho de análise do significado histórico da data e dos diferentes eventos nela ocorridos.

Outras memórias sobre 68

Mas existem outras memórias, outras visões sobre 68, diferentes da memória que se tornou hegemônica. É interessante lembrar, neste sentido, a memória que os Partidos Comunistas, em várias partes do mundo, construíram sobre os movimentos de 68. De uma forma geral, as revoltas estudantis de 1968 não foram acompanhadas pelos PCs que tenderam a enxergar nelas manifestações de rebeldia de uma pequena burguesia radicalizada. Na verdade, a liderança dos movimentos de 68, praticamente no mundo todo, esteve quase sempre nas mãos de jovens egressos dos partidos comunistas e socialistas tradicionais – de onde tinham saído por sua própria vontade ou sido expulsos. De uma forma geral foi com desconfiança e ceticismo – sem falar de incompreensão – que os PCs viram e analisaram os movimentos juvenis de 68. Embora tenham escrito pouco sobre 68 e sua visão bastante depreciativa do movimento tenha se mantido, de certa forma, “encoberta”, alguns filmes nos mostram esta visão. Um deles é o filme do cineasta italiano Bernardo Bertolucci, “*Os Sonhadores*” (2003). No filme, Mathew, um jovem americano, vai estudar em Paris, justamente em 1968. Lá conhece os irmãos gêmeos Isabelle e Theo que, além de serem loucos por cinema, têm uma relação incestuosa. Os três tornam-se intimamente ligados e vivem um conturbado relacionamento em meio à rebelião estudantil. Os jovens irmãos, são, de certa forma, uma metáfora de 68; mais exatamente da visão de um comunista sobre 68: jovens, belos, inteligentes, burgueses, ousados, libertários e inconseqüentes.

Entre as histórias e as memórias

Podemos ver, portanto, a forte interferência da memória – melhor dizendo, das disputas pela memória – na construção de uma narrativa histórica sobre 68.

Os vários seminários realizados em universidades de todo o país, foram marcados por este encontro (às vezes diálogo, às vezes confronto) entre história e memória. O Programa de Pós Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro realizou

um seminário internacional que teve justamente este título: “1968 – 40 anos depois: história e memória”. As diversas mesas do seminário colocavam para debater pesquisadores e historiadores com uma produção sobre 68, com “personagens da época”, pessoas que haviam participado dos eventos analisados. Em muitas mesas a fala “*crítica*” se contrapunha à fala “*participativa*”, “*militante*”; o discurso *da pesquisa* se chocava com o discurso *da experiência*; uma postura analítica que procurava *desmistificar* a data se batia com a emoção de depoimentos que buscavam *celebrar* 68 como uma data especial. Da mesma forma o público inscrito no seminário, que assistia e participava dos debates, também se dividia nestas mesmas posições, reiterando no auditório a dualidade que se observava nas mesas de conferencistas. Não é preciso dizer que, quase sempre, as falas que mais emocionavam o auditório eram, justamente, os depoimentos, as falas que traziam (ou construíam) a memória dos acontecimentos vividos. Em uma mesa, especialmente, isto ficou mais evidente: na mesa sobre “Movimento Estudantil no Brasil”. Esta mesa contou com a participação de pesquisadoras, muito jovens, que estudam o movimento dos estudantes brasileiros: Angélica Muller, Simone Dubeux e a americana *brasilianista* Victoria Langland; ao lado delas Jean Marc von der Weid, ex-líder estudantil, ligado à organização Ação Popular. O depoimento de Jean Marc, mais contundente do que a fala das pesquisadoras, ocupou o Salão Nobre, onde se realizava a mesa-redonda, com a força da reminiscência. O seminário chegou ao fim tendo por saldo os debates entre a história e a memória. Neste debate talvez o elemento central seja o reconhecimento de que uma das tarefas mais importantes do historiador é não apenas reconhecer o rico debate entre a história e a memória, mas principalmente tentar compreender os usos e implicações políticas da memória e do próprio passado no presente.

Referências bibliográficas

ARAUJO, Maria Paula *A Utopia Fragmentada; novas esquerdas no Brasil e no mundo na década de 1970*. RJ: FGV, 2000.

----- *Memórias Estudantis: da fundação da UNE aos nossos dias*. RJ: Relume Dumará, 2007.

ARENDT, Hannah, *Sobre a Violência*. RJ: Relume Dumará, 1994.

HOBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos. O breve século XX, 1914-1991*. SP: Companhia das Letras, 1994.

MARTINS FILHO, João Roberto. *1968. A rebelião estudantil: México, França, Brasil*. SP: Mercado das Letras, 1996.

PAZ, Octavio. *Posdata*. México: Siglo XXI, 1970.

ZAPPA, Regina & SOTO, Ernesto *1968. Eles só queriam mudar o mundo*. RJ: Zahar, 2008.

Notas

¹ Para Hobsbawm a grande mudança cultural e comportamental do mundo ocorreu entre as décadas de 1960 e 1970. O ano de 1968 pode ser visto como a metáfora desta “revolução cultural”. V. HOBSBAWM, Eric. *A era dos extremos. O breve século XX, 1914-1991*. SP: Companhia das Letras, 1994.

² ARENDT, Hannah. *Sobre a violência*. RJ: Relume Dumará, 1994.

³ PAZ. *Posdata*. México: Siglo XXI, 1970.

⁴ PAZ, op. cit.

⁵ ZAPPA & SOTO. *1968: eles só queriam mudar o mundo*. RJ: Zahar, 2008.

⁶ Depoimento de Vladimir Palmeira ao Projeto de Memória do Movimento Estudantil, reproduzido no livro *Memórias Estudantis: da fundação da UNE aos nossos dias*, de ARAÚJO Maria Paula. RJ: Relume Dumará, 2007.

⁷ MARTINS FILHO. *1968. A rebelião estudantil*. México, França, Brasil. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1996.

⁸ A íntegra do discurso de Caetano pode ser ouvida, com as vaias ao fundo, no You Tube.